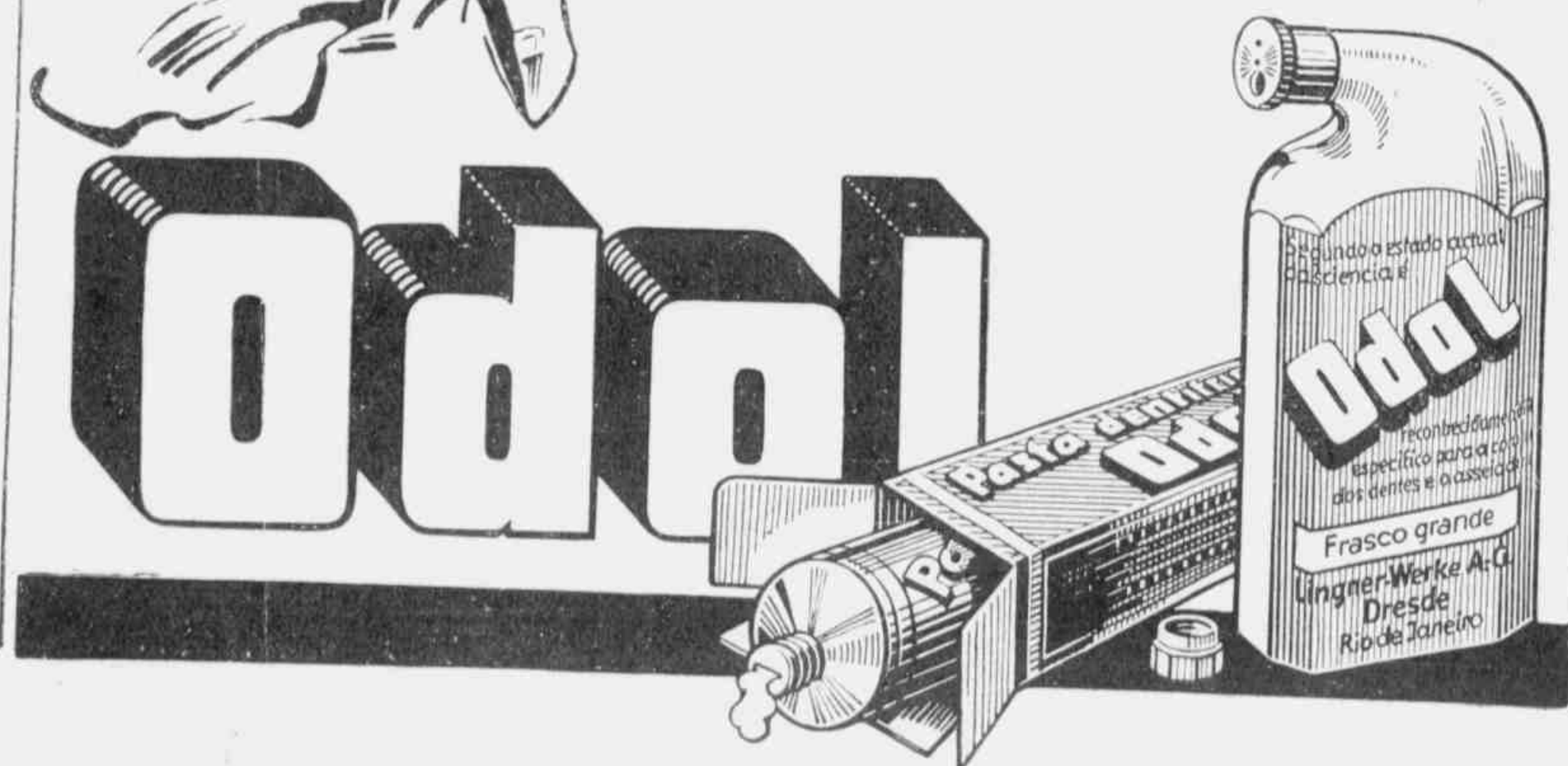
LULA
1932
PARA
TODOS...
aleluia
rio de janeiro
26 de março 1932
NVM
693
1$500

Dentes
como um fío de Perolas
Escovar os
dentes com a pasta
ODOL
e empregar ao mesmo
tempo o liquido
ODOL
é transformar a
dentadura num
fío de Perolas.
A pasta „Odol“ torna os dentes alvos, sem atacar o esmalte e impede a formação das pedras (tartaro).
O liquido „Odol“ penetra em todos os intersticios dos dentes, embebe de substancias desinfectantes os residuos ahi retidos, impedindo a sua decomposição e, deste modo, combate a causa da carie.
Odol
Odol
Frasco grande
Lingner-Werke A.G.
Dresde
Rio de Janeiro

DEPURATIVO

Salsa, Caroba e Manacá

Do celebre pharmaceutico chimico E. M. HOLLANDA, preparado no laboratorio da Lugolina. A SALSA, CAROBA E MANACA', do celebre pharmaceutico Eugenio Marques de Hollanda, é já muito conhecida em todo o Brasil e nas Republicas Argentina, Uruguay e Chile, onde tem produzido curas maravilhosas e gosa de grande reputação.

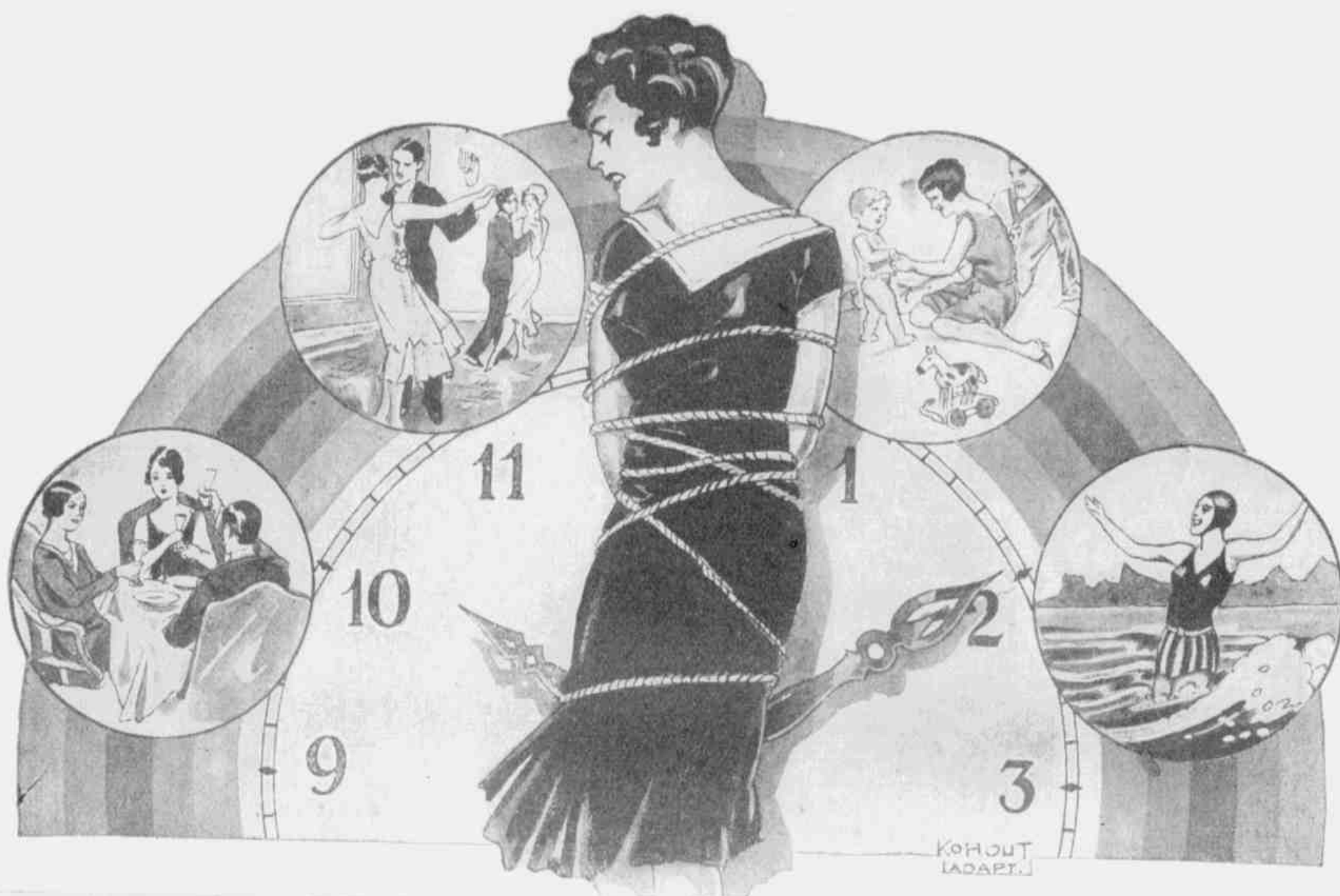
E' o depurativo mais antigo, mais scientifico e mais efficaz para a cura radical de todas as affecções herpeticas, lymphaticas e escrophulosas e provenientes da impureza do sangue.

Experimentae um só frasco e sentireis os seus beneficios.

O REI DOS DEPURATIVOS

NENHUM O IGUALOU AINDA

Representantes nas Republicas Argentina, Oriental, Chile, Paraguay, Perú, Bolivia, etc.

PREÇO: — 4$000

Toda hora de doença é tempo perdido para o prazer da vida

Os "Incommodos de Senhoras", em sua vólta periodica, todos os mezes, representam para o sexo feminino

A HORA CERTA DO SOFFRIMENTO.

As Senhoras sabem de antemão que seus males têm data fixa para se manifestarem e podem fazer a conta previa das horas que perdem para o prazer da vida. É, pois, para uma Senhora, um acto de defeza a favor da alegria de viver guardar sempre presente na lembrança que

A Saude da Mulher

—sendo o melhor remedio conhecido para os Incommodos de Senhoras, taes como Suspensões, Colicas Uterinas, Rheumatismos, Arthritismo, Flores-Brancas—assegura o prazer da vida, que só póde ser perfeito quando existe perfeita saude.

Para todos...

Directores

Alvaro Moreyra e Oswaldo Loureiro

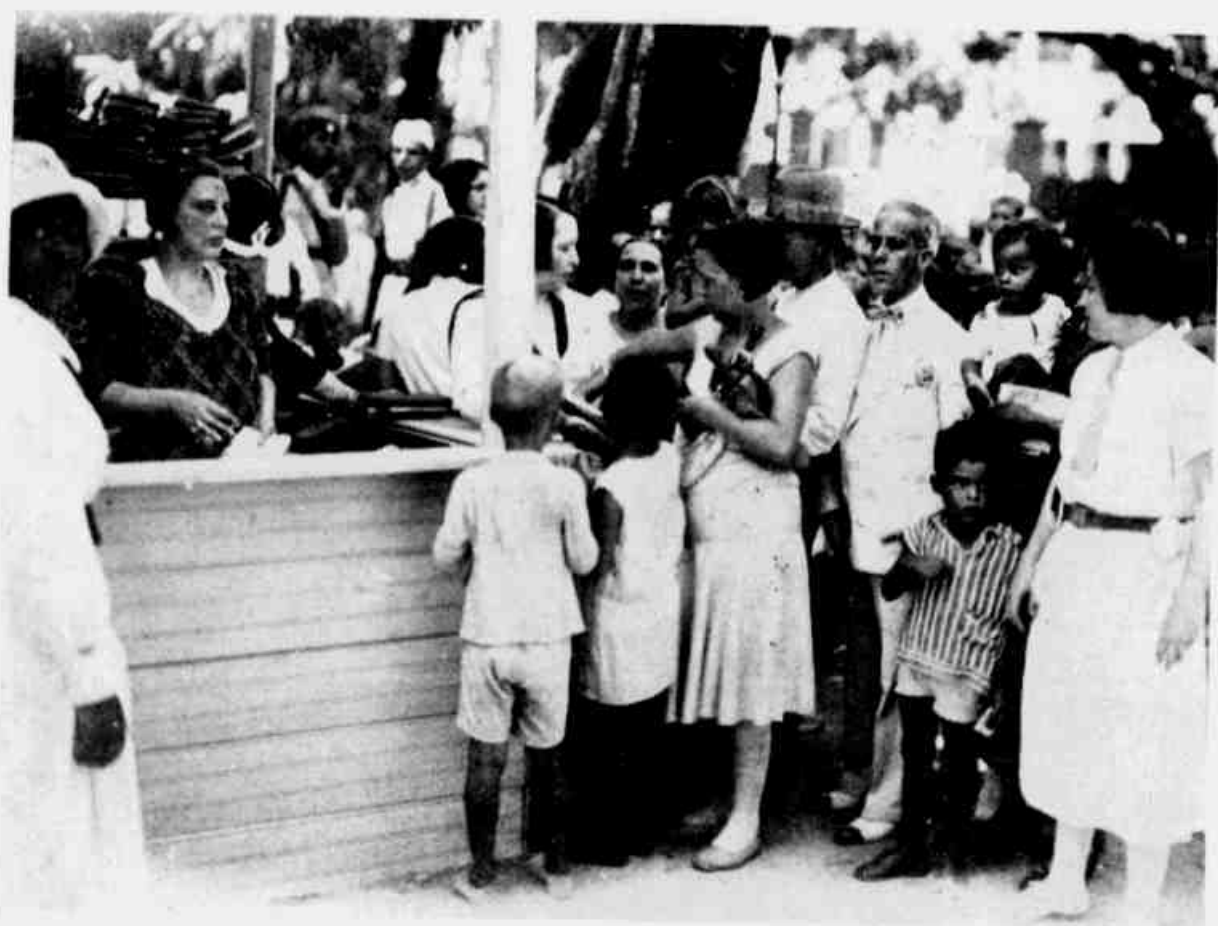
Assignaturas

1 anno — 75$000

6 mezes — 38$000

Rua do Ouvidor 181 — 1.º

End. telegr.: "Paratodos"

Telephone: 2-9654

A Senhora Getulio Vargas distribuindo roupas e alimentos ás familias pobres

SAIBA distinguir! Ha muitos biscoitos do typo Maizena, mas o unico que se impõe pelo seu sabôr delicioso, e pelo esmero com que é confeccionado, sobrepujando nitidamente os similares é o Biscoito Aymoré MAIZENA. > > > Exija

EDMUNDO deitara-se mas não dormi[illegible]a ainda, apezar de ser tarde. Ficara-se a pensar nas ultimas recommendações feitas aos seus auxiliares, antes de tomar o automovel, receando haver se esquecido de alguma cousa; depois começou a fazer projectos para aquelles dias que se iam seguir.

De repente, estremecimentos, rumor de aguas comprimidas, balanço moderado. Teve a impressão de se achar na sua rêde, no terraço do engenho, ouvindo o barulho das machinas e vendo a passagem dos vagões cheios de cannas... Comprehendeu, porém, ser o *Itaimbé* desatracando, pondo-se vagarosamente em marcha Capiberibe abaixo, e, agora, o impulso das helices, num latejar de sangue novo, se tornava mais claro, mais preciso, embora lento. Pela vigia do camarote mirava as luzes do cáes fugindo num brinquedo de esconder. Com pouco, o balanço mais accentuado, um espadanar de vagas, uma rapida parada, por fim a marcha vigorosa num suave jogo de borda a borda...

Adormeceu.

O vapor ia cheio e para o almoço os passageiros entrados no Recife foram occupando os ultimos logares vagos nas mesas. O mar permanecia quieto, pincelando de sol, num azul-mosaico. Por isso mesmo ninguem faltava ás refeições. As proprias senhoras, mais timidas deante do enjôo, davam ao amplo salão de côr alaranjada os matizes alegres dos seus vestidos. Os creados, de branco, iam e vinham no eximio equilibrar de travessas de metal e pilhas de pratos... E a luz de um dia maravilhoso entrava derramadamente pelas janellas abertas onde as sanefas amarellas se agitavam de leve.

A passagem de uma farinheira deu margem a que Edmundo trocasse as primeiras palavras com o seu visinho de mesa, um senhor muito alto, de rosto secco, de mãos tratadas, com pequeno gilvaz na testa, typo de indefinivel expressão physionomica — ora entregue á maior expansão de bem-estar, ora se toldando numa profunda apprehensão. Sem querer, Edmundo achou-o semelhante a esses annuncios que se mostram luminosos e escuros alternadamente. Tinha ao seu lado a esposa, moça de moreno carregado, sobrancelhas cerradas, braços suavemente pennugentos, e olhos grandes que deixando-se cahir em outros olhos como que os paralysavam. Todavia nessas raras pressões de olhar não havia apparentemente o quer que fosse de provocante ou de maldoso, antes trahiam uma nuança de tristeza contrastando com a grandeza daquellas pupillas trevosas.

Quando, findo o almoço, os tres subiram para o salão de musica, approximados pela ligeira conversa, procuraram um dos grupos estofados, e ali uma mocinha tocando um tango, a palestra proseguiu com esse cunho de relativa intimidade, paradoxalmente autorisado pelos rapidos contactos de bordo. Explicações de identidade que ninguem pede, mas se dão com expontaneidade, talvez por se tratar de pessoas a quem nunca mais se verá. Edmundo declarou ser pernambucano e senhor de engenho; ia ao Rio, aproveitando a "época morta", passear um pouco; talvez fosse tambem a Buenos Aires; tudo de geito a regressar a tempo da moagem. O senhor alto e sêcco apresentou-se como industrial; tinha ido ao Pará a negocios da fabrica e levara a mulher que não conhecia o norte do paiz. Residiam em Santos. Elle se chamava Berucio, ella Dinah.

O marido não demorou no salão; pretextou fumar e sahiu. Edmundo ficou defronte de Dinah emendando assumptos a assumptos, emquanto o *Itaimbé* retalhava as aguas achanadas e metallicas, sob um sol alto, calmoso, num céo limpido, polido. Dinah mostrou-se curiosa da vida dos engenhos que desconhecia e Edmundo disse-lhe dos pormenores dessa existencia rural, falou-lhe da sua propriedade ainda guardando um tanto da antiga poesia das primitivas casas de fabricar assucar. Por vezes, num impeto, a moça tinha expansões de curiosidade infantil, todo um grande sorriso se lhe abria no rosto, porém, pouco a pouco, o seu ar de bruma ia cahindo de novo, embora o disfarçasse, como um velario vae descendo depois de uma apotheose...

Durante os outros dias da viagem, elles se encontraram e estiveram muitas horas juntos. Berucio, ou estava pelo bar, jogando, ou si os acompanhava era por pouco tempo. Arranjava um pretexto e afastava-se, mettendo-se entre os parceiros para continuar as partidas de poker. Era, decerto, o seu fraco, pensou Edmundo. A ponto de esquecer uma mulher tão insinuante, tão bonita mesmo, sem o menor vislumbre de zelos.

E elles dois, a sós, conversavam. Ora no salão de musica, ora no convez, ora na sala de entrada. Falavam de festas, de viagens, de theatros, de livros. Dinah mostrava-se um espirito interessante, curioso, perspicaz. Tivera uma certa educação e era bastante intelligente. Edmundo, antes de tomar conta do engenho, por morte dos paes, cursara uma faculdade, embora não tirasse a carta, viajara pela Europa, vira, sabendo ver, o que por lá existia de apreciavel.

Uma vez ou outra os grandes olhos pestanudos, num arqueio mais expressivo das sobrancelhas, se apoiavam nos de Edmundo. Elle sorria; ella continuava calma a conversa como si buscasse apenas saber si contava com um apoio. A impressão que Edmundo tinha daquella moça era exactamente a de uma alma a solicitar um arrimo. Talvez por causa do abandono em que a deixava o marido. Sim... seria por isso...

E o que a principio no rapaz fôra o desejo de um *flirt*, a probabilidade mesmo de uma aventura banal, se tornava, aos poucos, interesse maior, especie de piedade, vontade de amparar... Não sabia porque. Porém, Dinah se lhe afigurava uma creatura em perigo que tem pudor de se confessar medrosa e de pedir soccorro.

Na vespera da chegada ao Rio, estavam os dois no terraço do vapor. Ella subira primeiro, com uma brochura na mão; elle, minutos depois, imitou-a. Viu-a descançando numa das preguiçosas de lona riscada; adiante, um passageiro dormia. Sentou-se junto da moça, fingindo-se curioso da sua leitura. Dahi a pouco, o dorminhoco abriu os olhos, esfregou-os e

O CASO TRISTE DE MINERVINA

MINERVINA engommadeira adheriu ao dono do botequim, desceu do morro, foi viver numa avenida do Estacio.

O dono do botequim comprou depois um armazem em Botafogo e não quiz que a mulher continuasse engommando.

Agóra elles moram na rua Real Grandeza.

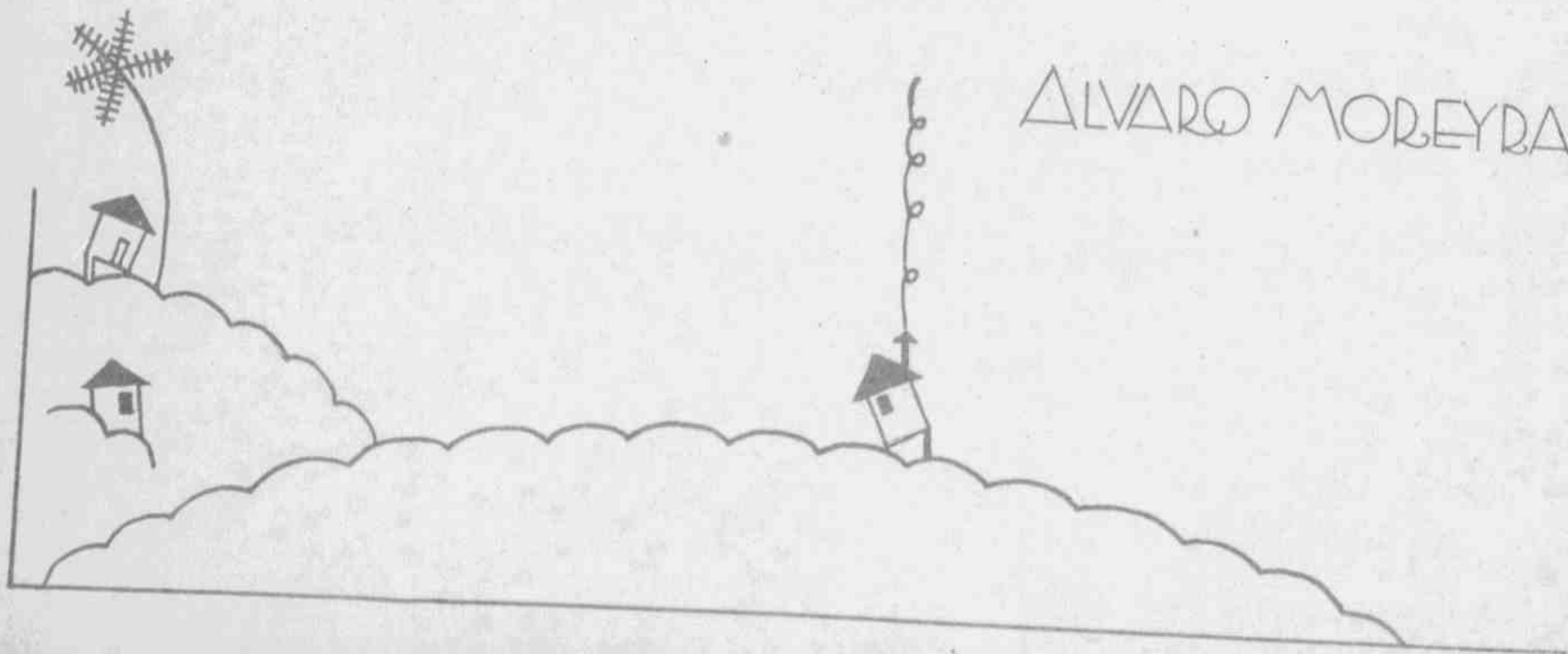
Minervina botou corpo, anda de chapéo, sapato de salto alto, luvas. Uma senhora. De côr, mas rica. Nem parece a Minervina.

A's vezes, nos sabbados, de volta do cinema com seu Mello, ella se lembra do morro, sopra um muchôcho de pouco caso, diz:

— A estas horas, que estará fazendo aquella gentinha lá em cima?

Lá em cima, quando se fala na companheira que alli nasceu e alli cresceu, é sempre assim:

— Coitada da Minervina!... lá em baixo...

ALVARO MOREYRA

desceu. Ficaram, então, sósinhos. Foi quando, numa troca de olhares, e num impulso ousado que a proxima separação justificava, Edmundo captivou-lhe uma das mãos, a da alliança, e, sem que ella o repellisse, tirou do dedo o aro de ouro.

— Fica mais bonita assim...

— Por que?

— Porque esse annel não lhe deu a felicidade sonhada.

— Julga isso?

— Tenho certeza... Esses quatro dias me revelaram tudo...

— Tudo?

E Dinah teve um sorriso tão subtil que só se compararia com a nevoa de tédio que o succedeu.

— E então?! O abandono em que vive...

Ella não respondeu. Edmundo proseguiu. Agora, falava de si, da impressão que a moça lhe causara, dos sentimentos que lhe haviam acordado. Confessou ter pensado numa conquista, mas parecia-lhe sentir amor. Não era mais um méro contacto adulterino a sua intenção... Sonhava com uma ligação duradoura, affectuosa, embora illegal. Solteiro, vivia só. Rompesse um matrimonio que a infelicitava. Viajariam o sul do Brasil, a Argentina, voltariam ao engenho, os dois, como noivos.

Dinah ouvia-o com os olhos bem abertos e bem fixos como a querer avaliar a felicidade promettida. De subito, entretanto, retirou a mão, reenfiou o annel e decidiu:

— Não.

— Por que? Ama esse marido?

— Já o amei. Hoje, não.

— E então? Respeito á sociedade?

—A sociedade não me merece attenções porque prefere a hypocrisia do adulterio á sinceridade do amor livre...

— Idéas religiosas?

— Não creio... Não creio mais!

— Então, Dinah? Diga-me as razões da sua negativa... Ah! sim! Não me lembrava... Não gosta de mim...

— O sr. já leu nos meus olhos o contrario... tanto que ousou fazer-me essa proposta. Conheço bem os homens. Elles quase nunca se illudem no que lêm em nossos rostos quanto a acceitação que obtêm... Não; não é por isso. Olhe, ha um motivo forte que não posso dizer-lhe... Contente-se em saber que fiquei lhe querendo muito bem. E por isso mesmo não posso acompanhal-o.

Ergueu-se, de rompante, pediu licença, e desceu. Edmundo, da cadeira onde ficara, meio desorientado, viu-a caminhar vexada para a escada, viu-lhe a mão esguia e morena pousar no corrimão, e, depois, a saia crême sumir-se, o busto ondulado pelos seios altos e pontudos sumir-se tambem, por fim a cabeça no arrepio dos

cabellos negros mal contidos pela rêde de gaze desapparecer igualmente, como si um alçapão a furtasse aos seus olhos, ao seu desejo, ao seu amor...

Levantou-se por sua vez, foi debruçar-se na grade. O mar continuava a ser bonachão, nivelado, tremeluzente, debaixo do sol queimador e do céo bem varrido. No horizonte ia uma fumaçazinha escorregando em sentido contrario ao do *Itaimbé* que navalhava as aguas com a prôa cortadora, numa tensão aguda de marcha, emquanto as espumas se franziam ao longo do costado, medrosas, tremulas.

Um motivo forte... Qual seria? Que poder teria elle a ponto de recusar uma proposta de união feliz, ella que era tão infortunada no casamento e que lhe mostrara sympathia, talvez mesmo affecto? Si o marido só lhe dava razões para uma attitude contraria, si ella não cortejava os melindres sociaes, si não a prendiam escrupulos religiosos, que seria então esse motivo allegado?

A ultima noite de bordo foi mais alegre que as anteriores Depois do jantar quase todos os passageiros se reuniam no salão. Menos Berucio e seus parceiros. Houve quem tocasse piano e violino. Appareceu mesmo uma violinista, mocinha do Ceará. Sahiram canções regionaes. Declamaram-se versos antigos e modernos. Baptisaram-se os que nunca haviam transposto a Guanabara.

Dinah, numa das poltronas do salão, perto da porta envidraçada, tomava parte na festa com o seu ar de sempre, friso dourado numa moldura negra, e ia conversando com Edmundo, que se debruçara na janella, pelo lado de fóra, como si nada houvesse se passado entre elles, horas antes, no terraço. Apenas, porque numa das poesias declamadas gabassem os beneficios da esperança, elle indagou em meio tom:

— E eu, devo tambem esperar?

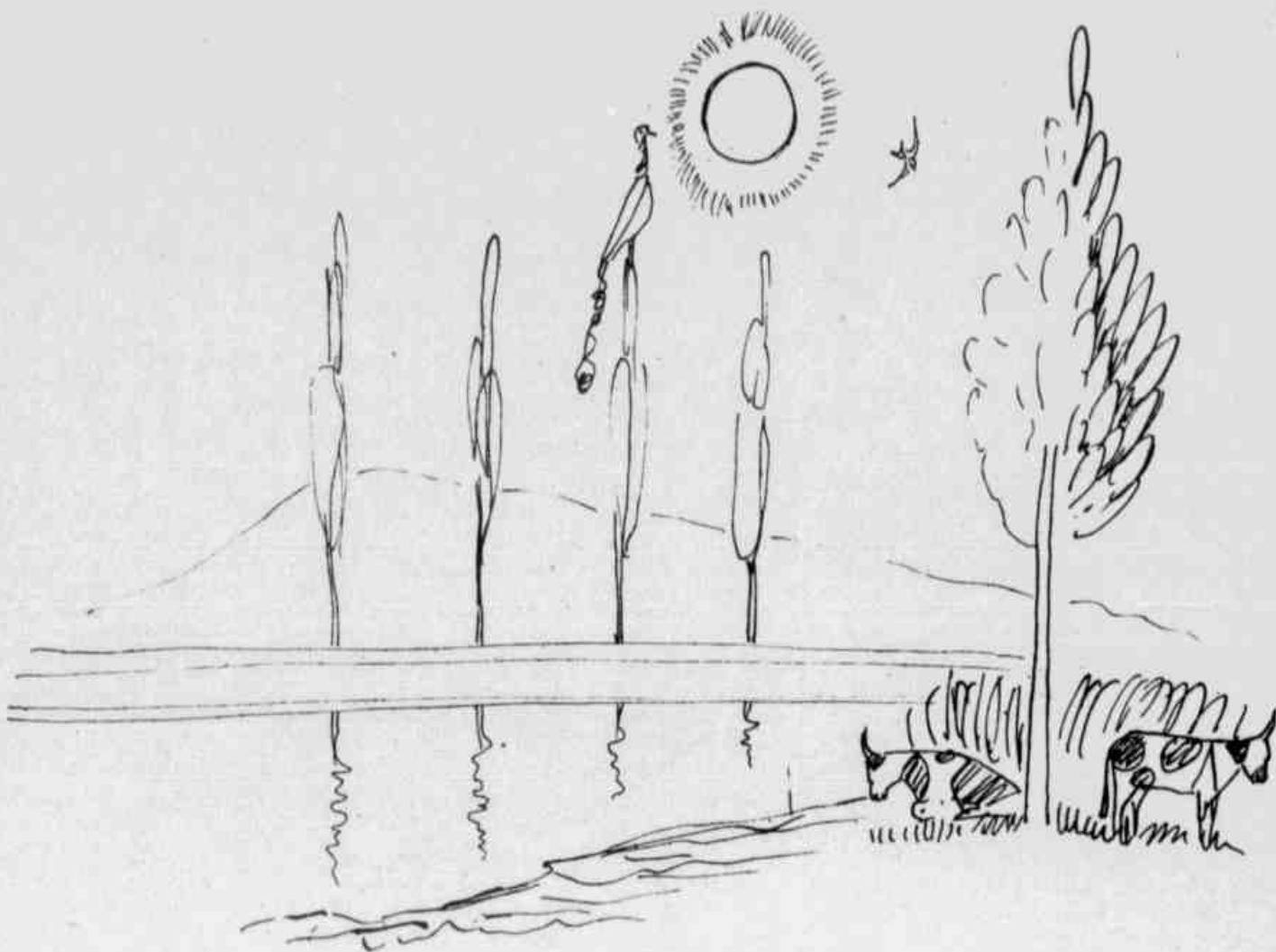
— O que?

— Saber, ao menos, o motivo que nos separa...

— Talvez...

Para ser feliz depois?

— Não... Para me conhecer melhor.

(*Termina no fim do numero*)

MAI joyeux, champs fleuris, eau claire des fontaines,
Doux frisson qui passez au delà de la plaine...
Gai retour des oiseaux, messagers du printemps...
Cimes des arbres verts de leurs feuilles nouvelles,
Où les feux du soleil jettent des etincelles !
Bonne odeur des forêts apportée par le vent !

Troupeaux qui descendaient des collines arides,
Afin de vous nourir dans les prairies splendides
Animés par les chants joyeux desgars du mas...
Rouges coquelicots et mutines abeilles,
Beaux fruits qui emplissez les solides corbeilles,
Et pommiers trop chargés qui semblez dejà las !...

Fiers genêts, épis blonds, douces mûres des bois,
Merveilleux papillons, pâquerettes de choix...
Bandes d'enfants joyeux, qui se'battent sur l'herbe !
Clocher pointu du bourg, vie rustique des champs...
— Qu'il est bon le repos parmis les paysans,
Par les soirées de mai tranquilles et superbes !

Village harmonieux en ses couleures vivaces,
Où les froids de l'hiver n'ont laissés nulle trace !
Groupes de laboureurs qui passent en riant...
Jeunesse emerveillée de la douceur des choses...
— Adieu les giboulées et les rêves moroses !
Car mai est revenu, — saluons-le gaiement !

Ternura

Dante Costa

Hermar

E' com este nome que ella quér a conheçam. E' o seu nome de poeta. Com elle, assignou os versos de "Sunt Lacrimae Rerum", "...ces vers pleins de charme et de saveur", — como os chamou George Goyau. E Henri de Regnier, escrevendo sobre a autora do livro que Elicam e Bella illustraram, disse que revéla uma sensibilidade delicada e um real sentimento poetico que quasi sempre encontram, para se exprimir, de uma finissima qualidade".

Estou esperando você.

Você com o seu sorriso de claridade, os seus olhos côr de ceu azul, sua bocca, suas mãos brancas, sua vóz que canta.

Meu espirito já sahiu pra lhe buscar. Elle virá, pelas ruas e pelas praças calmas de sombra, guardando-a dos olhares cubiçosos dos outros...

Emquanto Você não apparece, fina e movel como uma pluma feliz, ha uma tristeza pesando em cada minuto. E ha uma ausencia muito grande. Eu sinto. Onde o perfume bom da manhã? Onde a musica que nasce do seu sorriso? Onde?

Olhe, Deus não devia pôr sobre a terra mulheres como Você. As mulheres bonitas assim deviam continuar pelos jardins, pelos parques, pelas mattas, na quietude das primeiras vidas. Na serenidade das vidas do outro tempo. Que as mulheres bonitas, antes de ganharem movimento e fórma, já viveram a vida verde de alguma haste esguia amiga do sól... Já viveram na folha que a chuva vae beijar. Na plumagem macia de um passaro. Na agua quieta de um lago. Dentro de um jardim desenhado ou dentro da mattaria densa de vozes voejantes...

Você deve ter sido fonte. Fonte cantante e limpida num claro de floresta onde ninguem foi...

Você não devia ter se feito mulher. Não devia... Mas Deus não quiz. Cansou-se de lhe ver fonte e lhe trouxe pro destino amavel do amor...

Na sala, nas paredes, nos quadros, uma tristeza esquesita porque Você ainda não chegou. Pela janella, seis andares acima dos homens, estou vendo a cidade. Um rythmo feliz anda por lá. Inexplicavel e estranho. Eu não comprehendo essa alegria sem Você...

Mas Você deve vir ligeiro que as outras coisas tambem lhe querem. Tambem precisam de sua apparição. Meus papeis, onde Você gosta de rabiscar bonecos, estão pedindo seus dedos leves. Meus livros estão arrumados nas estantes esperando a sua buliçosa curiosidade. Minha mesa não tem flores, não tem nada. Eu tenho uma historia bem simples para Você escutar...

Você vae ouvil-a.

Assim.

Sorrindo sem falar.

Esquecida nos meus braços.

E minha ternura lhe contando coisas suas, coisas que a sua ternura projectou na minha alma...

NA CIDADE

Martim Luz

Na sexta-feira da semana passada, o Touring Club do Brasil offereceu aos jornalistas uma excursão ao Monumento Rodoviario, situado na Estrada Rio-São Paulo. Foi um passeio encantador. Dez automoveis sahiram da séde da prestigiosa associação, á Avenida Rio Branco, ás 15 horas. A's 17 mais ou menos, o primeiro automovel galgava a rampa da imponente construcção, perdida, como um grande ponto de exclamação, no silencio deserto da Serra das Araras.

O panorama é empolgante.

As montanhas se perdem, longe, longe, numa successão infinita. Parece um mar agitado, observou-me Berilo Neves. Um grande mar que vae se apagando na distancia...

A gente sente o contraste violento da grande civilisação da estrada perfeitissima e do monumento modernissimo deante da matta que emoldura o quadro.

Além dos drs. Edgard Chagas Dória e Berilo Neves, directores do Touring, e dos jornalistas, participaram da excursão varias distinctas familias. Senhoras e senhorinhas enfeitaram de graça a paisagem quasi solemne.

O autor de "A Mulher e o Diabo" offereceu, num discurso scintillante, á hora do lunch magnifico, a festa aos jornalistas. Eis um pequeno trecho de sua oração:

"O Monumento Rodoviario vai ser incorporado (assim o resolveu o Touring Club do Brasil) ao patrimonio nacional. Pertence á Nação: que a Nação o conserve e o tenha sempre dentro do seu carinho e do seu zelo. E' opportuno o momento em que vos trazemos aqui. Esta é uma das estradas que podem levar o Brasil de hoje ao esplendor e á riqueza do Brasil de amanhã. A outra, vós a vereis em breve, a bordo do "Almirante Jaceguay" em que se vae realizar o nosso primeiro CRUZEIRO TURISTICO INTER-ESTADOAL: é o mar, a velha rota das civilizações, o berço dos mais bellos e frutuosos emprehendimentos humanos".

O nosso collega Netto Machado agradeceu em nome de todos.

E todos voltaram para o Rio, contentes, quando o sol desappareceu por detraz da ultima montanha...

✣ ✣ ✣

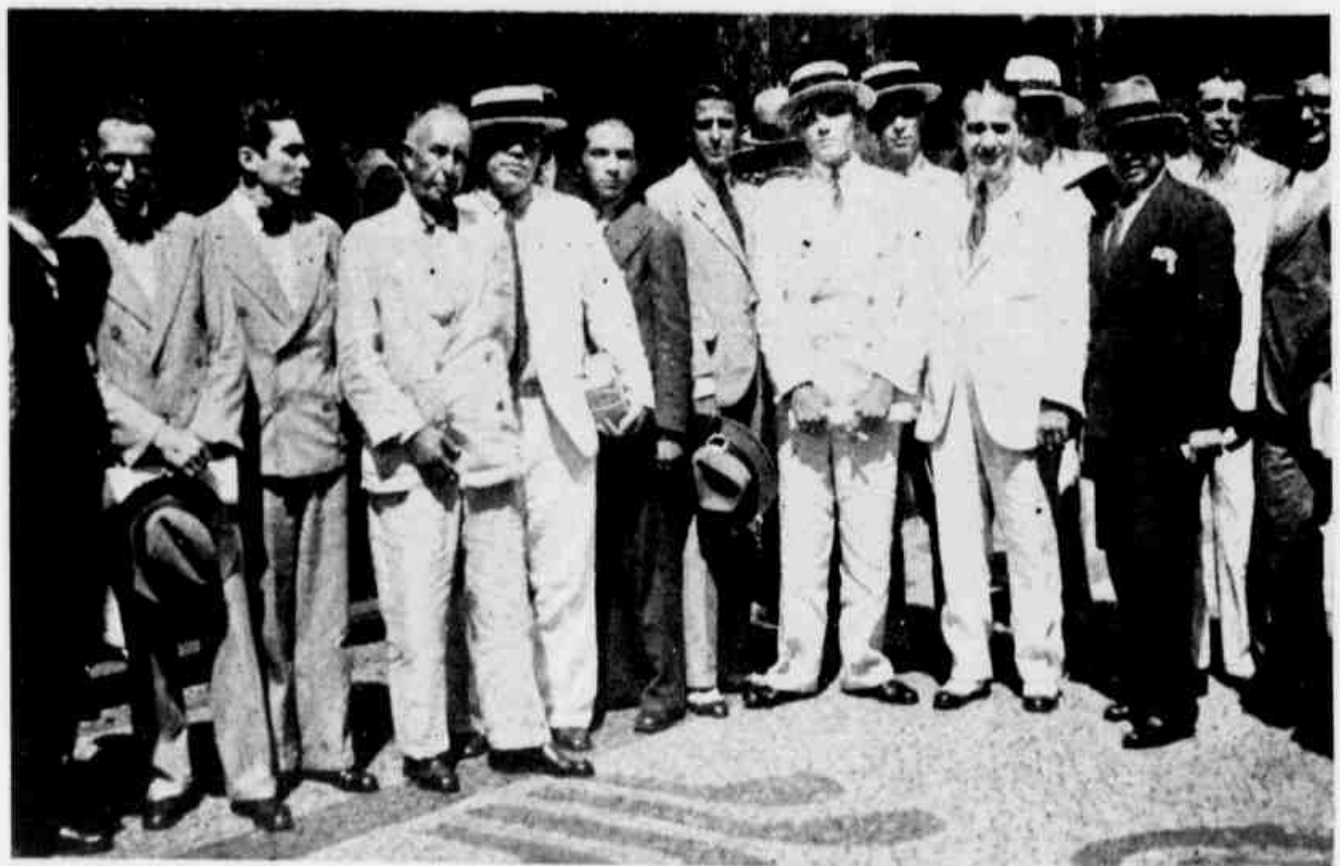
King Vidor, o director do "Turbilhão da Metropole" fez desse film alguma coisa de intensamente emocional. A primeira parte, devido á technica theatral adoptada, apezar de perfeitamente real, cansa um pouquinho pela monotonia. A vida é um pobre motivo de arte... Mas do meio para o fim, o espectador vive momentos empolgantes, tal o realismo, a verdade, a formidavel verdade, com que as scenas são vividas. Essa a impressão que tivemos quando assistimos, a convite dos Srs. Ponce Irmãos, o film da United, em exhibição especial para a imprensa, no "Broadway".

✣ ✣ ✣

E' um "potin" delicioso"... A coisa mais deliciosa do mundo...

Se a turma soubesse... Mas eu não contarei, palavra de honra...

Iria envolver a graça quasi infantil de uma creaturinha, a mais bonita de todas as meninas bonitas, e a quem eu quero um grande bem, um grande bem quasi paternal, apesar dos meus vinte e poucos annos...

Não contarei, creança louca; fique socegada...

Directores do Touring Club e jornalistas antes da partida para a excursão ao Monumento Rodoviario, sexta-feira da outra semana.

LULA 1932

desenho de Lula

bahia

ERA a figura mais curiosa da "season" em Biarritz aquelle estranho cavalheiro louro. Todas ás manhãs, o luxuoso auto "Imperator", modelo 1931, parava na praia de areias douradas que pareciam as libras e dollares dos nobres inglezes e "nouveaux-riches" americanos dissolvidos em pó. O *chauffeur* disciplinado como um hussard allemão, abria, com uma elegante mesura, a portinhola do carro, onde se via, gravado em prata fôsca, um brazão complicado que fazia suppor uma linhagem illustre e millenar.

Elle descia, irreprehensivel, no seu terno cinzento claro, com a despreoccupação de quem é elegante por natureza e não carece de attitudes estudadas Cinco passos adeante, fincado na areia, estava o seu parasol gigantesco, sob o qual se abrigava, sem sequer olhar para os lados. Sentava-se, enchia o copo de whisky "Rex", misturado com agua de côco, que sorvia por um longo canudo de ambar, com a volupia de um velho apaixonado pelas bebidas violentas. Entre uma e outra libação, lia grossos volumes em inglez. Um dia "Arrowsmith". Outro dia, "Main Street" Mais tarde, "Babbill" Mas, sempre, Sinclair Lewis. Era uma paixão curiosa, aquella. Porque, afinal de contas, não é sómente Sinclair Lewis que escreve cousas interessantes. Remarque, por exemplo, era o nome mais empolgante do momento. Por que elle não lia "All Quiet in Western Front"? Por que não lia *After?* E por que, terminado o banho da manhã, o joven inglez não era mais visto em parte alguma? Nem nos casinos, nem nas reuniões dansantes, nem nos jantares chics? Por que não falava com pessôa alguma e vivia isolado de tudo e de todos, na mais absurda misantropia, um joven tão distincto, tão elegante, tão rico?

Havia, certamente, um mysterio em tudo aquillo. Essa foi a convicção geral. Toda a "high society" que frequentava a maravilhosa praia começou a se interessar profundamente pelo mysterioso joven inglez. Teceram lendas e intrigas em torno do estranho personagem. Deram-no como filho de um lord millionario, roído de desgostos porque se apaixonara por uma formosa lady casada e, além de casada, incrivelmente fiel ao marido.

Essa versão, falsa ou verdadeira, despertou um sentimento de quasi piedade e quasi ternura na filha do "rei dos alfinetes de segurança", miss Magda Hicktcock, pelo inglez enamorado.

A formosa e inquieta americana resolveu consolal-o, propondo-se mesmo, de si para si, a substituir no coração do elegante joven a lady ingrata que o desprezara. Certa manhã, quando ia rumo á praia, despertando exclamações de enthusiasmo com um pyjama côr de céo que lhe moldava as formas de perfeita "american beauty", miss Magda, com estudada negligencia, fez estremecer o parasol do joven inglez, deitando-o quasi por terra.

— Rogo-lhe desculpas...—sussurrou.

O joven inglez nem sequer a olhou, nem sequer respondeu. Magda, entretanto, possuia a qualidade caracteristica dos americanos: a obstinação. Insistiu. O joven finalmente cedeu. Mas foi cauteloso e discreto. Nada disse a seu respeito e teve a prudencia de não dirigir á rica americana o mais leve galanteio. Nos dias que se seguiram, porém, as palestras foram mais demoradas e mais intimas. E por fim, o "Imperator" guiado pelo disciplinado "chauffeur", resvalou com o joven casal pelas alvas e sinuosas estradas que contornam a villa balnearia.

Elle era amigo intimo do principe de Galles e da princeza Ingrid. Vivera entre a Inglaterra e a Suecia, brilhando nas duas côrtes. Tinha uma fortuna immensa, mas andava minado por um desgosto enorme. Não tinha o direito de casar com a mulher que porventura viesse a amar. Era hemophylico, como a princeza Beatriz de Bourbon. Dahi a sua amargura, o seu isolamento, o seu amôr as bebidas

fortes e aos livros, uma vez que não podia desejar outra cousa.

Ella tambem tinha uma historia complicada. Seu pae não era realmente seu pae. Com muita gente tem se dado o mesmo. Mas o caso de "miss" Magda era differente: ella era filha adoptiva do "rei dos alfinetes de segurança", que fôra infeliz no casamento e não queria vel-a casada. Nonagenario, o velho industrial fizera o seu testamento, deixando-lhe toda a fortuna, com a condição de não casar jamais. Se o fizesse, a fortuna seria totalmente incorporada ao patrimonio do Asylo de Loucos, cujos hospedes, no entender do "rei dos alfinetes de segurança", são constituidos na maioria por maridos infelizes que perderam o juizo depois que as respectivas esposas perderam a cabeça...

Não havia, por isso, a menor esperança de que o joven inglez viesse a casar com a linda americana. Elle era hemophylico e ella ficaria, se casasse, reduzida á penuria. Que mal havia, porém, em que alimentassem um amor impossivel? Nenhum. Fariam uma "season" romantica e platonica. Depois, cada qual continuaria o seu caminho, escravo do proprio destino. E assim foi, realmente. Quando terminou a "season", despediram-se decentemente, sem pranto e sem exclamações piegas, satisfeitos ambos com a aventura deliciosa...

* * *

O escriptorio da "Propaganda Geral das Industrias S. A." estava, naquella manhã parisiense, em plena agitação. Traçava-se o plano habil de novas campanhas. Milton Durand, o chefe da propaganda, o homem das idéas geniaes, estendeu um memorandum a Jacques Tourner, que leu, surprehendido:

Balanço da propaganda na estação balnearia, em Biarritz, Deauville, Trouville, Ostende e Monte Carlo.

Autos "Imperator"	10.000 frcs.
Whisky "Rex"	5.000 frcs.
Edições Berthelot, para divulgação dos livros de Sinclair Lewis	5.000 frcs.
Maillots Elastic	5.000 frcs.
Modas Jeannette	10.000 frsc.
Total	35.000 frsc.

Desenho de PAULO WERNECK

— Os resultados foram surprehendentes, — accrescentou Durand. — Todos os nossos clientes estão satisfeitos. O successo foi formidavel, sobretudo no seu sector...

Jacques sorriu, lisongeado. Mas no seu sorriso havia certa amargura.

— Tenho certeza de que desempenhei bem o meu papel. Fui o filho de um lord inglez e apaixonei-me por uma americana rica... Tive de mentir-lhe, para que não viesse, mais tarde, a descobrir minha situação real...

— São pequenos incidentes que tornam o trabalho ainda mais agradavel... — observou Durand.—Para sabbado, vou confiar-lhe uma missão delicada. Você irá ao baile dos artistas, fantasiado de Principe de Chocolate. Vou arranjar uma fantasia originalissima, para propaganda das industrias Mantel. Você vae ter uma companheira encantadora, a mais nova e a mais intelligente das nossas auxiliares...

O chefe da propaganda apertou o botão de uma campainha. O continuo appareceu, solicito.

— Mande entrar a Princeza...

A nova collaboradora da "Propaganda Geral das Industrias S. A." entrou, sorridente. Jacques, de costas, nem sequer se voltou. Não demonstrava o menor interesse pela companheira. O seu pensamento era todo para a filha do "rei dos alfinetes de segurança". Mas a joven intencionalmente deu a volta ao "bureau" e collocou-se-lhe na frente.

— Magda!

— Robert!

(Termina no fim do numero)

DOÇURA

DE MANSUETO BERNARDI

Doçura de chamar-te mentalmente pelo nome,
sempre que a tua ausencia se prolonga!
De chamar-te muitas vezes, muitas vezes, muitas
vezes,
com impaciencia, trépido, febril!

Doçura de ver-te chegar com o teu passo leve de
criança,
e o teu sorriso claro, transparente, puro,
com a luz da mais pura manhã!

Doçura de beijar-te, a medo, a mão branca e suave,
sem ánimo de erguer os olhos para a bôca!

Doçura de ouvir-te falar com esses teus labios
frescos e perfumados,
que fazem as palavras saborosas como frutas!

Doçura de sentir-me na tua presença
tocar, ungir aos poucos inefavelmente,
por dezenas, centenas, milhares de favos de mel!

Doçura de pensar em ti, quando te vaes!

RIQUEZA

Eu possúo uma riqueza fabulosa:
é a lenha para o lume, o pão para o sustento
e muitos livros lindos para ler,
e braçadas de flôres nos canteiros,
e frutos que reparto, satisfeito, com as aves,
e o dom celestial da poesia.

Arvores altas e decorativas,
como um velario balouçante e verde,
resguardam minha casa do vento e do pó.
E são, no interior, todos os aposentos
mobilados com grande luxo de ar.
E os tapetes que guarnecem o assoalho
(pois que não coleciono antiguidades)
são renovados todas as manhãs.
Quem m'os fornece, é o tapeceiro sol,
em troca dos diamantes que, nas folhas,
com pés de lã a joalheira noite deposita.
E os quadros que se avistam das janelas,
tambem variam com as estações:
ora mendigam, ora esbanjam côr.

Eu tenho a suavidade da oração sempre nos labios.
E carrego comigo, em toda a parte,
sem o minimo receio de ladrões ou de extravios,
um tesouro de purissima alegria.

Quem acaso tem no mundo uma fortuna igual á
[minha?

CONSERVATORIO DE MUSICA

Na chácara tranquila do arrabalde,
onde aproveito as noites e os domingos
para ler os meus livros prediletos
— visto que os dias úteis da semana
os desperdiço todos trabalhando na cidade,
entre paredes de concreto e ferro,
pelas quaes trepam, em logar das heras,
sonoros fios eletrificados —
na quinta serenissima em que moro,
ha um bosquête de folhagem permanente
supérstite da mata destruida
pela expansão do casario urbano,
onde uma desenvolta passarada
gosta de fazer ninho, chilrear e dormir.

São rolas, gaturamos, corruiras,
beija-flôres, forneiros, papa-figos,
tico-tico, pardaes e bem-te-vis.
E ás vezes mesmo algum sabiá da praia.

Ao crepúsculo e de manhã cedo,
quando toda essa turba tagarela
afina as vozes nos ensaios de concerto,
o bosquête parece
uma escola de canto coral,
um conservatorio de musica ao ar livre.

Em cima: a Senhorita Leopoldina Bello recebendo a faixa symbolica, entre as Rainhas das Provincias.

A Rainha da Colonia Portugueza

Em baixo: o salão do Club Gymnastico durante a linda festa de sabbado passado.

A semana que passou

Na festa de collação de gráo dos ba

Concurrentes á prova de nado livre na reunião do Rio Sailing Club

Primeira Companhia d
do Rio Sailin

No Rio e em Nictheroy

s bachareis do Collegio Brasil

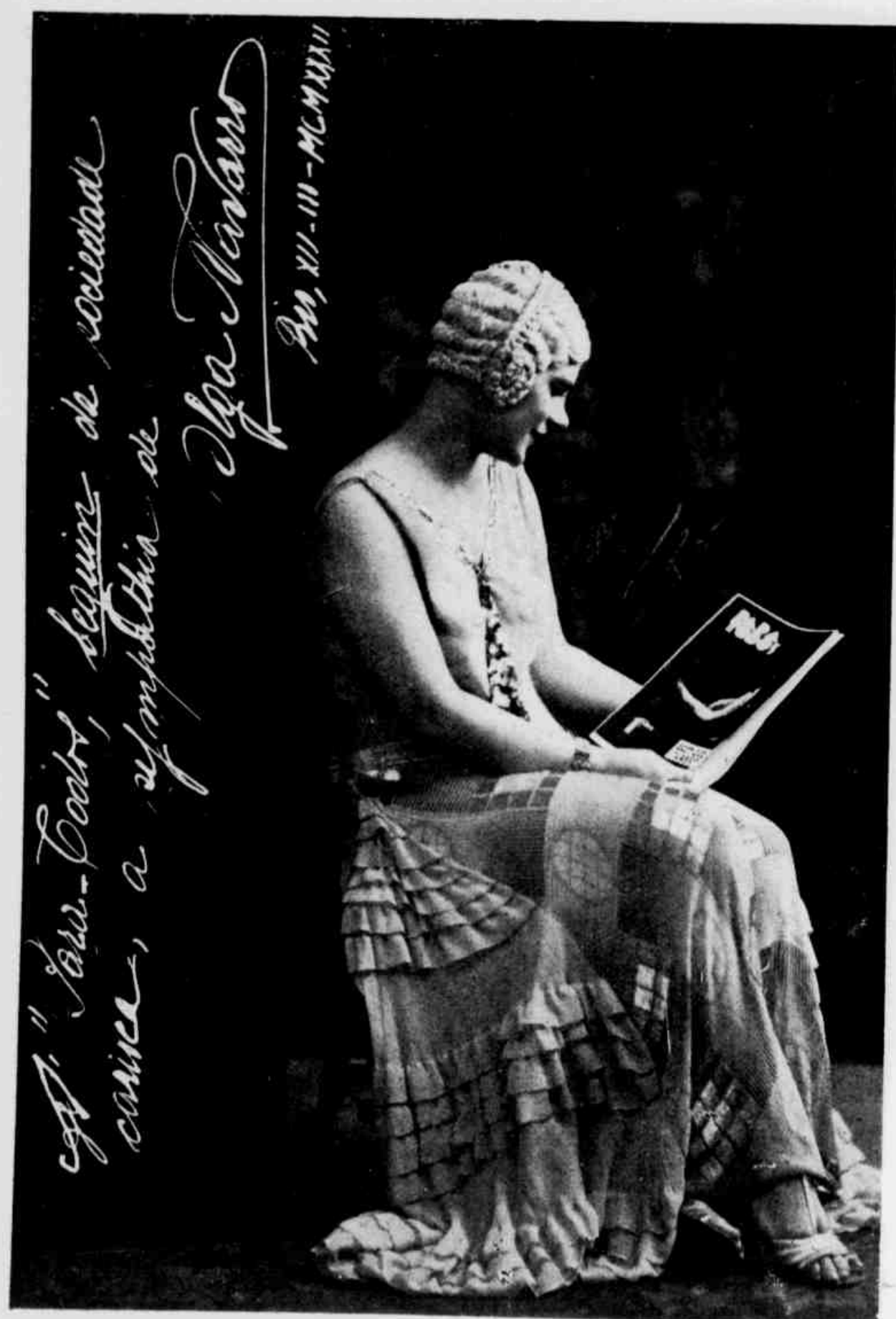
ia de "Girl Guides"
iling Club

Senhoritas que tomaram parte no concurso de natação do Vasco, no Fluminense

Praça da Republica

Olga Navarro

Ella andava de férias. Mas o "Martyr do Calvario" foi buscal-a e, esta semana, mysticamente, a cidade matou saudades de Olga Navarro. Mysticamente: Fez a "Magdalena" no Campo de Sant'Anna. Mas, agóra, ressuscitou...

"It"

Folhinha

Olhando "Para todos..."

fantoches

É SABIDO o desenvolvimento, verdadeiro renascimento, que tomaram nos ultimos annos os fantoches artisticos. O pintor Brann, de Munich, e sobretudo o italiano Podrecca foram os primeiros a elevar esse divertimento popular e infantil á altura de uma arte de verdade. O que é, entretanto, completa novidade, é uma informação publicada por John Martin, critico choreographico do "New York Times", de que os "Puppet Players", exhibidores de fantoches artisticos newyorkinos, deram com as bonecas, recitaes de dansa. Acham que os fantoches são excellentes professores de rythmo e que como taes, são já usados em Ypsilanti, no Michigan, para ensinar o rythmo aos adultos surdos.

Em geral, contudo, o particular dos fantoches e o que faz a verdadeira superioridade delles, em certos casos, sobre os actores de carne e osso, é precisamente não serem humanos. A maioria dos artistas que contribuiram para o renascimento delles seguiram a mesma evolução: depois de procurar fazel-os o mais "semelhantes" possivel, começaram a estylisal-os cada vez mais e a se afastarem sempre mais do ingenuo naturalismo dos primeiros tempos. Foi assim, tanto no movimento europeu de renovação, como no Japão e em Java, onde, na realidade, foram os fantoches que no decorrer dos annos, formaram os actores humanos á imagem delles! Na Allemanha e na Austria, a evolução foi igual. Existe apenas em Vienna, o professor Teschmer, que ainda esculpe, aliás com um gosto requintado, os fantoches com a expressão quasi humana. Em compensação levou a um alto grau de perfeição a estylisação dos movimentos das figuras.

Uma das provas mais caracteristicas da superioridade, em certos casos, dos fantoches sobre os actores humanos, foi demonstrada na occasião em que a Liga dos Compositores americanos, apresentou Œdipus Rei de Strawinsky com fantoches feitos por Remo Bufano, com desenhos e sob a direcção de Robert Edmond Jones

Um outro exemplo significativo da importancia artistica concedida nos ultimos tempos aos fantoches é a idealisação especialmente para elles de uma das mais deliciosas composições de Manuel de Falla, "El Retablo de Maese Pedro", inspirado num episodio de "Don Quichotte", que suscitou em toda parte, na Suissa, na Allemanha, na America, a fabricação de fantoches engraçados e caracteristicos.

Sob a influencia dos "ballados cinematographicos" que são, realmente, os melhores desenhos animados do genero de Mickey, os fantoches actualmente dão trabalho á imaginação e á fantasia de alguns dos mais notaveis artistas da scena, e póde-se crer que, dentro de pouco, veremos ballados de "super-fantoches" de Gordon Graig.

Peggy Shannon

Não quer dizer que sejam demasiado masculinos nem severos que façam perder a sua feminidade, mas sim vestidos que deixam perfeita liberdade dos movimentos para a vida ativa.

Si somos mais inclinadas ás festas sociais, a nossa escolha deve predominar em vestidos adequados para chás e jantares. Mas, como não é possivel dansar todo o tempo, necessitamos de alguns trajes que devem destacar sempre, comtudo, as caracteristicas da nossa personalidade.

E assim sucessivamente. Nossos passatempos prediletos são a norma que temos de seguir na escolha de nossa "toilette."

As côres pretas e azues são, por outro lado, minhas côres favoritas; além de ser as que melhor expressam determinado estado mental vão bem com a côr de minha tez e com meu temperamento. Com os meus olhos azues e meus cabelos avermelhados, a côr azul em todos os seus tons produz um efeito harmonioso; e quando me visto de preto, a sobriedade da côr me faz sentir elegante.

Como sempre estou em movimento, não me sinto á vontade com trajes muito enfeitados. A simplicidade vai muito bem com minha maneira de ser. Gosto, isso sim, dos trajes muito cingidos... até o extremo de necessitar usar pesos na extremidade do vestido para manter a linha esbelta e completamente lisa.

O SEGREDO de BEM VESTIR

POR JOAN CRAWFORD

TODAS as jovens sabem quão importante é vestir-se de acordo com seu tipo e condições fisicas, mas muito poucas compreendem o valor de realçar com os trajes suas caracteristicas individuais.

Isto é, ao meu ver, o ponto de vista pelo qual deveriamos nos guiar na escolha dos vestidos. Sómente assim é que podemos esperar ser distinguidas de outras milhares de jovens louras, morenas ou ruivas, escapando da opressiva uniformidade que nos faz parecer, como um ovo ao outro.

O principal é descobrir exatamente o proprio tipo.

Um minucioso exame nos revelará o que nos pertence. Si somos entusiastas dos esportes e nos sentimos felizes ao ar livre, devemos preferir o vestido de estilo esporte.

Lupe Velez

Os chapeus, prefiro os que podem se tirar e pôr sem necessidade de auxilio dum espelho. Os gorros são meus favoritos para usar pela manhã, e para os trajes de tarde, gosto de usar os chapeus suaves que se amoldam á cabeça na forma que se quer dar.

Nunca uso sapatos demasiados altos. São muito incomodos para se andar, e como gosto de andar muito a pé, escolho o sapato de meio salto. O estilo de sapato que prefiro é o de entrada baixa porque, ao meu ver, faz o pé mais bonito e mais fino.

Desespero-me sempre em andar perdendo as minhas luvas. A lũva esquerda está sempre a salvo, pois como de costume sempre a tenho calçada, mas a direita sempre resvala da minha bolsa, porque nunca a tenho posta.

Carole Lombard

Pela manhã, uso, geralmente, as luvas de esporte, de algodão com desenhos perfurados; o com trajes de tarde, luvas de camurça muito simples.

Quasi todas as jovens gostam dos adornos que imitam joias e que contribuem tanto para a beleza do vestido. Comtudo, me parece que as joias falsas deveriam ser usadas com discreção. Si não é possivel usar alguma joia fina é preferivel não usar nenhuma.

O mesmo aconselharia a respeito de todos os enfeitos. Em vez de usar rendas e peles de imitação, o traje é muito mais interessante completamente simples... já que o conhecedor descobre imediatamente o verdadeiro falso.

Ao comprar vestidos feitos, as jovens deveriam evitar na minha opinião, tudo o que chama muito a atenção, o exagerado ou demasiado vistoso. O vestido simples, delicado, juvenil, e em harmonia com a personalidade sempre o mais atrativo.

Marlene Dietrich

Peggy Shannon

Não quer dizer que sejam demasiado masculinos nem severos que façam perder a sua feminidade, mas sim vestidos que deixam perfeita liberdade dos movimentos para a vida ativa.

Si somos mais inclinadas ás festas sociais, a nossa escolha deve predominar em vestidos adequados para chás e jantares. Mas, como não é possivel dansar todo o tempo, necessitamos de alguns trajes que devem destacar sempre, comtudo, as caracteristicas da nossa personalidade.

E assim sucessivamente. Nossos passatempos prediletos são a norma que temos de seguir na escolha de nossa "toilette."

As côres pretas e azues são, por outro lado, minhas côres favoritas; além de ser as que melhor expressam determinado estado mental vão bem com a côr de minha tez e com meu temperamento. Com os meus olhos azues e meus cabelos avermelhados, a côr azul em todos os seus tons produz um efeito harmonioso; e quando me visto de preto, a sobriedade da côr me faz sentir elegante.

Como sempre estou em movimento, não me sinto á vontade com trajes muito enfeitados. A simplicidade vai muito bem com minha maneira de ser. Gosto, isso sim, dos trajes muito cingidos... até o extremo de necessitar usar pesos na extremidade do vestido para manter a linha esbelta e completamente lisa.

O SEGREDO de BEM VESTIR

POR JOAN CRAWFORD

TODAS as jovens sabem quão importante é vestir-se de acordo com seu tipo e condições fisicas, mas muito poucas compreendem o valor de realçar com os trajes suas caracteristicas individuais.

Isto é, ao meu ver, o ponto de vista pelo qual deveriamos nos guiar na escolha dos vestidos. Sómente assim é que podemos esperar ser distinguidas de outras milhares de jovens louras, morenas ou ruivas, escapando da opressiva uniformidade que nos faz parecer, como um ovo ao outro.

O principal é descobrir exatamente o proprio tipo.

Um minucioso exame nos revelará o que nos pertence. Si somos entusiastas dos esportes e nos sentimos felizes ao ar livre, devemos preferir o vestido de estilo esporte.

Lupe Velez

Os chapeus, prefiro os que podem se tirar e pôr sem necessidade de auxilio dum espelho. Os gorros são meus favoritos para usar pela manhã, e para os trajes de tarde, gosto de usar os chapeus suaves que se amoldam á cabeça na forma que se quer dar.

Nunca uso sapatos demasiados altos. São muito incomodos para se andar, e como gosto de andar muito a pé, escolho o sapato de meio salto. O estilo de sapato que prefiro é o de entrada baixa porque, ao meu ver, faz o pé mais bonito e mais fino.

Desespero-me sempre em andar perdendo as minhas luvas. A luva esquerda está sempre a salvo, pois como de costume sempre a tenho calçada, mas a direita sempre resvala da minha bolsa, porque nunca a tenho posta.

Carole Lombard

Pela manhã, uso, geralmente, as luvas de esporte, de algodão com desenhos perfurados; o com trajes de tarde, luvas de camurça muito simples.

Quasi todas as jovens gostam dos adornos que imitam joias e que contribuem tanto para a beleza do vestido. Comtudo, me parece que as joias falsas deveriam ser usadas com discreção. Si não é possivel usar alguma joia fina é preferivel não usar nenhuma.

O mesmo aconselharia a respeito de todos os enfeitos. Em vez de usar rendas e peles de imitação, o traje é muito mais interessante completamente simples... já que o conhecedor descobre imediatamente o verdadeiro falso.

Ao comprar vestidos feitos, as jovens deveriam evitar na minha opinião, tudo o que chama muito a atenção, o exagerado ou demasiado vistoso. O vestido simples, delicado, juvenil, e em harmonia com a personalidade, sempre o mais atrativo.

Marlene Dietrich

A DESESPERADA SUPPLICA

IMPLORO-TE,

oh,

Senhor dos Destinos!

Tua sombra misericordiosa e magnanima!

Que minha mão inanimada á vibração da tortura sangrenta multiplique bençans á corajosa mão que a feriu!

Que a agonia de meu espirito se converta na gloria-toda-poderosa do consolo benemerito e efficaz!

Senhor dos Destinos!

Concede-me valor para encarar o desespero de viver!

Senhor dos Destinos!

Deponho a teus pés minhas illusões vencidas! Deponho a teus pés o tormento de minha perfeição em pedaços! Deponho a teus pés a razão de meu tédio, a força de minha magoa e de minha desolação!

Senhor dos Destinos!

Deponho a teus pés minha unica e maior victoria: a victoria de meu anniquilamento!

Senhor dos Destinos!

Projecta sobre a duvida de meu pensamento a ausencia solida da sensibilidade enferma, o balsamo misericordioso do Não-Ser!

Senhor dos Destinos!

Por que serei o carrasco de meu sangue? Por que serei o verdugo de minha vida em holocausto? Por que serei o grande destruidor?

Senhor dos Destinos!

Que a geração vindoura me não oiça o silencio maldito! Que o seculo dos seculos conheça nunca as contorsões de meu tédio, os espasmos de minha provação!

Senhor dos Destinos!

Concede-me valor para encarar o desespero de viver!

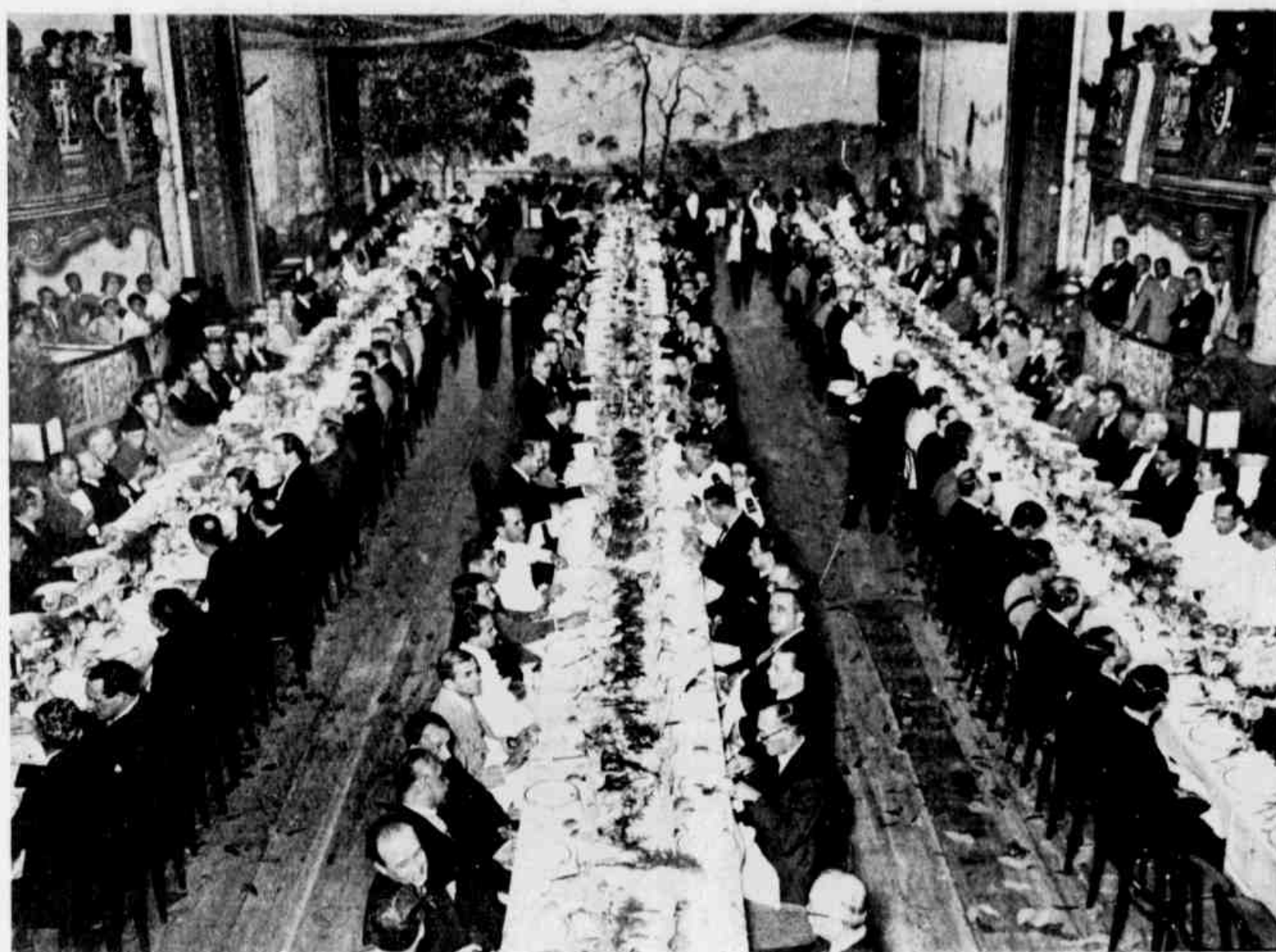
Aplaca minha angustia,

oh,

Senhor dos Destinos!

meu gemido e meu clamor, num só verbo voluptuoso, numa só sêde voluptuosa, numa só eloquencia voluptuosa:

— MISERERE MEI . . .

(Do livro "Quem Canta" a apparecer nestes dias)

Aspecto do banquete que a cidade de Recife offereceu ao Chefe da Revolução no Norte.

JUAREZ TAVORA

A sala do Theatro Santa Isabel na capital de Pernambuco durante a homenagem a Juarez Tavora.

Na Academia Carioca de Letras antes da sessão em que Luis Martins rompeu com o espirito academico, lendo a sua notavel palestra: "Eu, a Academia e a minha geração". Houve tumulto, houve protestos, houve applausos.

A Colonia Poloneza reunida para festejar o anniversario do Marechal Presidente do seu paiz

HYMNO BATUTA

Nós precisamos dum hymno. Nós é essa gente forte que arrebenta por ahi a fóra. Olha só que mundo de cabecinhas verdes surgem. Parece bróto novo num campo queimado pelo fogo. E é. E' pura seiva nova. E' cabecinha verde de todos os feitios. Chatas dos nortistas, ovaladas dos sulistas meio cá meio lá dos centraes. Agora para fazer hymno é que é o buraco. Vê que tem muito mocinho com medo que a vóvó academia ralhe. Querem ficar quietinhos, para herdarem um fardão e uma cadeirinha lá na casa della. Quando um titio morrer. Su'alma sua palma. Mas tenham paciencia, não podem fazer o hymno.

O hymno que eu fallo, tem que ter a imponencia que evoque a figura possante dum Morubixaba. Desse Morubixaba que não morreu. Repartiu-se no sangue de seu povo. Adquiriu cultura. E quatro seculos depois vem expulsar os invasores. Dar personalidade propria a sua arte. E para isso é preciso que seja confiado, a uma força capaz de dar-lhe curso que destôe de tudo o que até hoje foi escripto. De dar-lhe a liberdade do echo selvagem que vive em nossas mattas. Em nossas grótas. E que absorve e dá som proprio a todo o ruido que ali chega.

E' preciso uma intelligencia que tenha a força da ultima gotta. Que faça transbordar o anceio intellectual, que se avoluma a quatrocentos annos emparedado em escolas extrangeiras. Um hymno que seja a syncronisação da cadencia rebelde que é o compasso batido pelas aguas que a cachoeira despeja do alto dos barrancos. Que tenha o collorido das flores, das fructas, dos pastos e das pennas em nossas florestas e campos rasos.

Que reviva o grito agudo, o canto sonoro e o pipilar dengoso de nossos passaros.

O uivo de nossas féras. O sacudir dos galhos orgulhosos de folhas em nossas arvores.

Esse é o hymno a que temos direito. Hymno sem "Salves, Salves!". Hymno de accordo com o nosso auriverde pendão. Essa bandeira moderanista, ousadia creadora de nossos antepassados. Bandeira feita dum mundo de retalhos. Ampla. Agasalhadora, com logar para todos os credos e côres. Bandeira que é um caso complicado de regua e de compasso. Arcoirisada. E' um caso sério. Assemblea de côres. As que não estão ahi é para tapear. Entram por fóra, nas bandeiras filiaes: as dos Estados. Tudo bem Brasil, bem direitinho. Enfeitada até com globo com estrellinhas e letrinhas, como estandarte que é desse Brasil gury, que quer um hymno para assobiar garotamente.

Hymno que não lembre versos feitos por poétas de cabellos a "joão felpudo" e olheiras a sujar feicções.

PEDRO R. WAYNE

Nosso Brasil

Arredores de Uberlandia,
na zona central do paiz

Pituba, na Bahia

Obidos, na margem
do Rio Amazonas

Ouro Preto,
em Minas
Rua do Carmo

Sabedoria

Lobo Alvim

Havia uma claridade pobre no quarto. Um pouco nos seus olhos de lamparina. E mais um pouco na luz que entrava acanhada por uma receiosa fresta de janella. Mal me apertou a mão disse-me todas as palavras tristes que aprendera na alegria da vida.

"...E vê tu, meu amigo. Por causa de uma chuvinha sem importancia caio de cama. Perco essa adoravel festa em Caxias. Esta só a mim! Maïuita vida!"

Eu abrira de todo a janella. Para que desafogadamente entrassem o ar e a luz da rua, da terra, do céo... Podesse tambem entrar o céo!

Elle continuava. Era um Amazonas de amargura. Olhei sorrindo o jardim em frente á casa. Um espanto bom matou-me a voz... Um arôma amavel incensou-me o corpo, a alma e o pensamento. O jardim que andava meio doente, num contentamento de saude mostrava agora os craveiros fartos, gemendo ditosos sob o peso bom de muito perfume e de muita flôr. A mesma chuva que maltratara meu amigo fizera bem aos cravos...

Obrigado Vida! Louvada sejas sempre minha dôce Nossa Senhora...

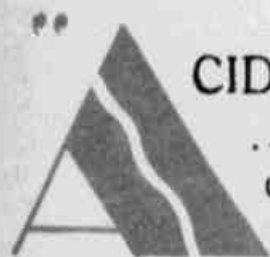
Fatima Miris

A estréa de FATIMA MIRIS, dentro de poucos dias, iniciando a temporada theatral deste anno, no Theatro Carlos Gomes, vem, não só, matar as saudades daquelles que, ha varios annos, tiveram ensejo de conhecer o seu genero perfeito de um transformismo intelligente, de grandes attracções, como satisfazer a curiosidade dos novos "dilettanti" theatraes, aquelles que por muito ouvirem falar na sua arte e nos seus meritos, ha muito desejavam conhecel-a.

A arte de FATIMA MIRIS satisfaz a todas as platéas. E' difficil, tal como se apresenta e trabalha para o publico, sozinha, conseguir, prender a curiosidade de verdadeiras multidões, sem enfadal-as. Para ella, porém, isso é summamente facil. Com a organização dos seus programmas, seus numeros sensacionaes e a multiplicidade de typos e aspectos novos que pode assumir dentro de poucos minutos, ella facilmente o consegue, trazendo todo o publico absolutamente preso á sua arte quasi diabolica de "deitar poeira" aos olhos dos seus espectadores.

Enlace Durvalina Cunha com Nello Borsano

Almoço de academicos de Direito de Nictheroy offerecido aos seus professores

ENTRE OS LIVROS

"A CIDADE QUE O DIABO ESQUECEU", de *Origenes Lessa* — São Paulo

Muito poucos dos nossos escriptores sabem fazer esse humorismo saudavel, levemente picante, que faz sorrir com compostura e decencia Humorismo apenas malicioso. Sem nomes feios nem immoralidades feias . . .

Os litteratosinhos que se aventuram ao genero não conseguem dosar habilmente o sál que tempéra e dá sabor . . . Uns se excedem. Carregam muito nos detalhes, nas minucias, e o livro fica improprio para senhoritas, menores, e pessoas de bom-gosto. . . Outros se esquecem de ser espirituosos. E o livro sahe, porisso mesmo, improprio pra todos os espiritos, de todas as edades e reputações . . .

Aliás, no Brasil tudo é assim. O povo não tem serenidade pra se orientar com segurança. Tudo se faz por enthusiasmo. O que talvez até seja bom, porque o enthusiasmo não se governa e mostra logo o tamanho da sinceridade . . .

Mais isso não tem importancia.

O que tem importancia é o começo desta chronica. Quando eu affirmava que «muito poucos dos nossos escriptores sabem fazer» etc., etc., etc. Pois bem. O Sr. Origenes Lessa sabe fazer. A sua prosa é temperada de um gostosó «humour» e a sua fráze não cáe nunca no lugar-commum nem na immoralidade licenciosa.

«A cidade que o diabo esqueceu» é um conjuncto de contos alegres, saudaveis mordazes. A gente os lê com prazer. «A dolorosa experiencia» do presidente da «Liga contra a devassidão das mulheres», que teve a infelicidade de contractar uma secretaria bonitissima, levadissima, cheia do tão fallado «sex-appeal», é positivamente esplendida. O «Momento immortal», uma das melhores paginas do livro, focaliza um instantaneo carnavalesco um desses momentos que só o Carnaval permitte... O primeiro conto, o que dá nome ao volume, não agrada. E' um pouco longo. Ainda explora o padre novato que vae ser vigario numa cidadesinha do interior. Mas os outros desmancham a má impressão. Além dos que eu já citei, ainda merecem destaque: «O caso sentimental da baleirinha» e o «Pierrot e a Bahiana». Paginas em que a imaginação e a intelligencia do Sr. Origenes Lessa se divertem em divertir a gente. DANTE COSTA

«O DENTISTA NÃO PRECISA SER MEDICO». *Prof. Frederico Eyer* — Rio.

Em um elegante volume o Prof. Frederico Eyer, uma das grandes figuras da odontologia brasileira, divulga uma conferencia sua sobre uma questão palpitante e viva: o dentista precisa ser medico?

A questão tem sido muito debatida. Vem de longe. Aliás a historia de todas as sciencias é cheia de discussões e todo o mundo sabe que a evolução scientifica só se faz pelo amplo debate de todas as suas questões. A medicina, principalmente, tem sido pretexto pra muitas pendencias. Pasteur foi negadissimo. Hoje mesmo, e em França, ainda se discute sobre a honestidade de muitas descobertas suas. Os chimicos, tambem elles, nem

(Continúa no fim do numero)

MAXIXE

DESENHO DE PAIM

MO

Francamente, com o calor que tem feito, não se sente vontade de falar sobre vestidos. Apenas um trajo nos tenta, um trajo simples e ingenuo entre todos: o de nossa respeitavel mãe Eva. Mas como as "convenções sociaes" não o permittem, recorremos ás roupas de banho de mar e aos pyjamas de praia, bem "decentesinhos" segundo as exigencias da nossa veneranda policia.

Entretanto, a nossa obrigação manda falarmos sobre vestidos, por isso, hoje, trataremos dos modelos para "soirée", muito decotados, em tecidos levissimos, os unicos ainda supportaveis.

Cada casa de modas apresenta uma fantasia differente no que diz respeito aos decotes. Tanto nas formas como nas guarnições esse detalhe dos vestidos de "soirée" se mostra original denotando a preoccupação dos costureiros em varial-o o mais possivel. Vêm-se guarnições de flo-

Este modelo de Redfern é de uma elegancia requintada. Em setim branco marfim, muito brilhante, elle acompanha as linhas do corpo para depois se ampliar numa saia em forma. Sobre os hombros uma écharpe cortada em tecido enviesado.

Ensemble para noite, creação de Lenief. Em mousseline de seda preta, saia muito em forma e recortada em pontas cruzadas sobre o corpo, inteiramente trabalhado, em finas pregas. Decote Imperio com bretelles e pala em mousseline branca bordadas de strass e tubos de prata. Écharpe de mousseline preta, em forma de capa, amarrada na frente.

res, de peles, de fitas, de contas em bordados complicados, emfim, uma immensi-

MIRANDE — YTEB

Vestido de jantar em mousseline de seda preta montado numa pala quadrada de guipure creme. Pequenas mangas balão.

Um largo viez de taffetás amarello orna o decote deste vestido de soirée em velludo de seda preto e forma laço na cintura com longas pontas cahidas.

dade de pequenos nadas bem femininos, para os qúaes é necessario um gosto seguro e muito discreto, do contrario se tornarão ridiculos e profundamente "rasta".

Um outro detalhe que chama a attenção nas novas collecções é o uso de echarpes combinadas com as toilettes. Algumas se assemelham á boleros outras á capas. Lenief então é um fervoroso das echarpes, quasi todos os seus modelos são acompanhados desse accessorio, muitas vezes talhado em formas complicadissimas. Patou, Redfern, Mirande, Augustabernard, Madeleine, Premet, Mainbocher tambem expõem, neste momento, muitos modelos acompanhados de echarpes de apparencia simples mas cujo corte requer mãos de artista. Para esse detalhe aconselhamos a mesma sobriedade de gosto necessaria para a ornamentação dos decotes.

DUPOUY-MAGNIN

O decote deste vestido de setim rosa é mantido por uma guirlanda de flores de cellophano preto. No pulso esquerdo uma pulseira das mesmas flores.

MADELEINE — REDFERN

As costas deste vestido de soirée são atacadas até a cintura. A forma do decote é originalissima.

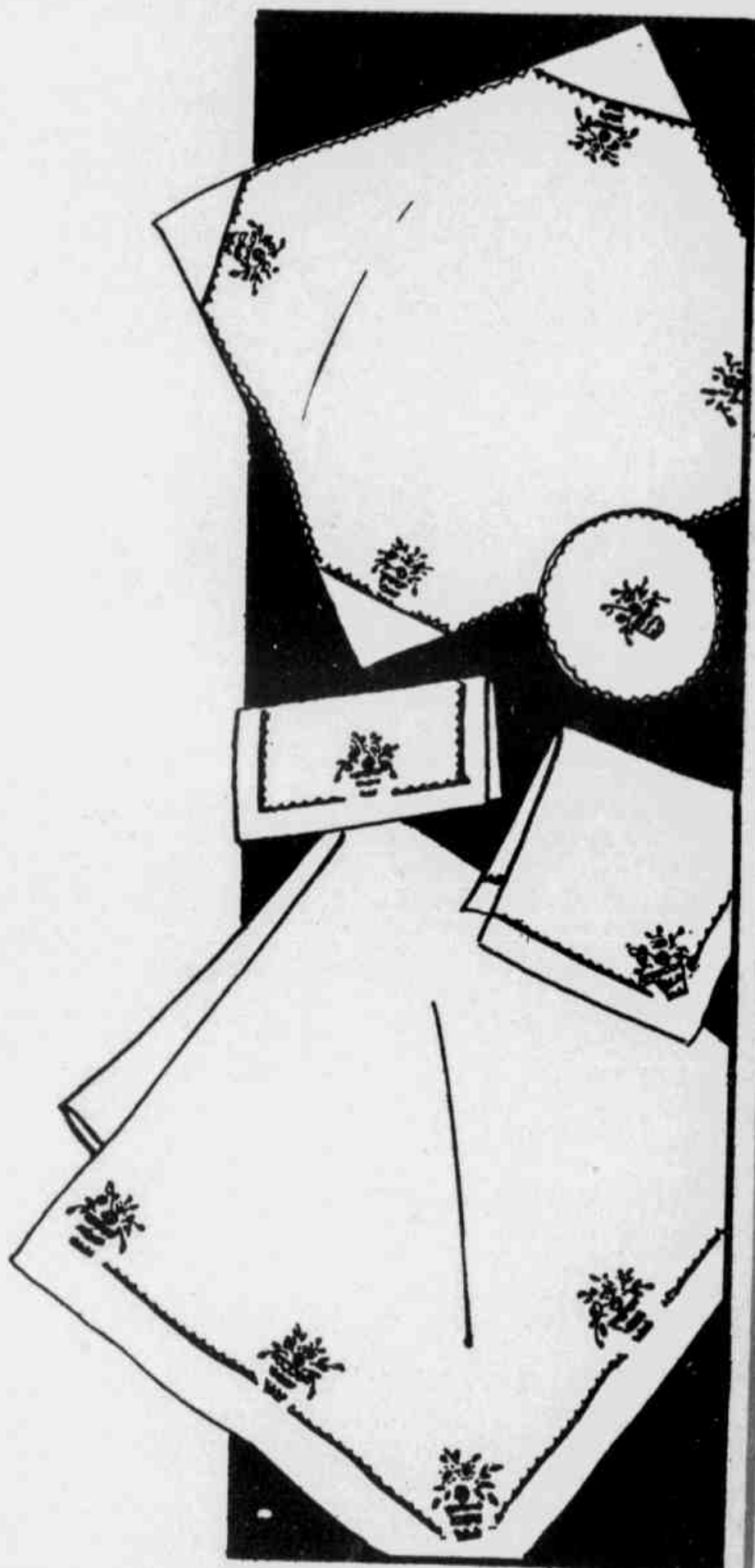
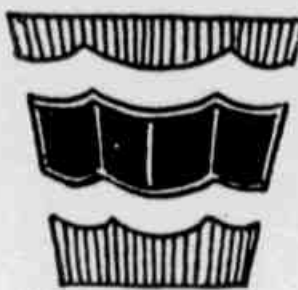
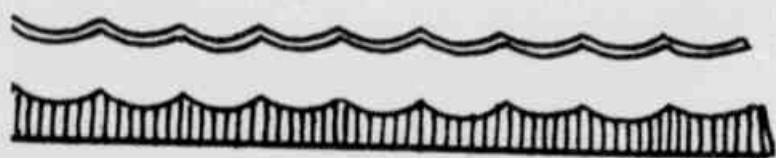
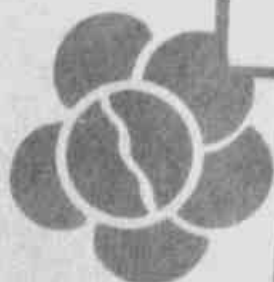
Vestido de soirée em renda vermelha com mangas largas e decote oval guarnecidos de vison.

EDMOND COURTOT

Vestido de mousseline de seda vermelha. Decote guarnecido de um lado por flores cor de rosa.

Vestido em crepe romain branco. Decote guarnecido de vison e florido na extremidade por uma rosa vermelha.

WORTH

O TRABALHO da SEMANA

Este simples e encantador motivo póde ser empregado sózinho ou acompanhado por duas linhas onduladas. Guarnece maravilhosamente as roupinhas de creanças, assim como serviços de chá e de sobremesa

Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro que vêm para o Theatro Carlos Gomes. Desenho de Di Cavalcanti.

ENTRE OS LIVROS

(F I M)

sempre foram bem vistos pelos medicos. Trousseau os atacava com grande violencia. E Guy Patin o que melhor dizia delles era que "essa especie de impostores publicos são mais que merecedores da forca e do garrote"...

Agora os dentistas é que estão no cartaz. Devem ou não ser medicos? Cruet diz que sim e ataca todos os dentistas deste e de outros planetas amaveis. Outros se encarregam da defesa. E o prof. Frederico Eyer, scientista estudioso, paciente e culto, demonstra com grande força de argumentos a fragilidade de varias accusações. O dentista pode viver sem a medicina. O dentista não precisa ser medico. São essas as conclusões a que chega o professor Eyer, figura marcada no nosso panorama scientifico.

DANTE COSTA

A nossa nutrição

AUGUSTA SOARES MONTEIRO

Querer é poder — diz o velho proverbio! Em caso algum jámais foi tão apropriada uma maxima como esta, á mulher que queira superintender da alimentação de sua familia. Não se considere rebaixada ou diminuida, a mulher, a mais opulenta e elegante, por este cuidado do qual depende em grande parte a saude e a felicidade de sua familia. Os medicos se vêem hoje em dia obrigados a estudar e a conhecer a delicada sciencia de preparar os alimentos, e todos os dias se vê o medico ensinar, pacientemente, a dona da casa, a maneira pela qual deve alimentar seus filhos, seu marido e a ella propra.

Urge que a mulher se capacite que lhe compete essa sciencia domestica, cuja importancia de dia para dia a medicina reconhece ser maior. A intelligencia de preparar e combinar a alimentação seguindo os preceitos da moderna hygiene alimentar, pertence a mulher, unica pessoa a quem cabe este mister. Cumpre que as donas de casa não confiem a cosinheiras inexperientes e incultas, a saude e o bem estar de sua familia. A cosinha deve ser considerada como um laboratorio.

Laboratorio onde se refaz e restaura diariamente a vida da familia, que é o esteio da sociedade. Esse laboratorio precisa de uma boa directora, intelligente e culta. Só a dona da casa póde ser.

O amigo intimo do principe de Galles e a joven que não era filha de seu pae...

(F I M)

— Perdão — interveio Durand — Estão mal apresentados. O Sr. Jacques Tourneur... A senhorita Giselle Latour...

— Como me alegro! — exclamou a rapariga, sem conter a alegria que a revelação provocara.

— Diga-me, Sr. Durand, — proseguiu, — elle realmente soffre de hemophylia?

— Tanto quanto seu pae adoptivo tem horror ao casamento! — respondeu Jacques, abraçando-a.

E assim ficou provado que mesmo os amores impossiveis podem se tornar possiveis, desde que haja bôa vontade da parte de quem escreve a historia...

A passageira do Itaimbé

(FIM)

Pouco depois, elle sahiu pelo convez afóra, de mãos nos bolços, cigarro nos labios, investindo contra o vento de prôa que arrepiava um tanto o mar e fazia o vapor jogar seu bocadinho. Chegou até o extremo do tombadilho e olhou para a tapeçaria luminosa do céo. O astro do "Itaimbé", vacillando, parecia estar apontando as estrellas numa lição de astronomia num grande quadro negro. Vinha do salão proximo uma valsa...

E, no outro dia, por uma manhã toda enfeitada de sol e de limpidez, depois de rapido e transparente nevoeiro, o "Itaimbé" avistou os recortes tesourados das serras e a plumagem ensaboada das praias cariocas. Todos os olhos, habituaes ou profanos, esperavam, naquella promessa de belleza, a fascinação maravilhosa da Guanabara. Dinah achava-se tambem, ali, numa das janellinhas de prôa, com os braços encruzados e o busto premido nesse apoio de carne morena e tumida. Edmundo via-lhe mais o perfil gracioso que a entrada magnifica do Rio.

Dali a pouco, no torvelinho da atracação, dos atropellos da visita, dos empurrões dos carregadores, dos abraços de boas-vindas, elles se despediram. Ella ia, com o marido, para o Hotel Charmant, no Cattete. Por alguns dias apenas, accrescentou Berucio. E pediu para Edmundo apparecer no hotel. Talvez não o encontrasse, pois tinha muitos negocios a tratar no Rio, mas Dinah estaria lá para acolhel-o com muito prazer. Edmundo deu o seu endereço: uma pensão na Gloria.

Os seus dois primeiros dias no Rio deram bem tempo a Edmundo para pensar numa visita a Dinah, mas o coração segredava-lhe uma esperançazinha de vencer a relutancia da moça, polongando a ausencia... Quem sabe mesmo se ella não o quizera pôr á prova... As mulheres são astuciosas e desconfiadas; e aquella tinha bem motivos para sel-o. Casara-se por amor com Berucio e hoje via-se assim abandonada...

Uma tarde, porém, a sua terceira tarde carioca, percebeu num vespertino, na Galeria Cruzeiro, o retrato de uma mulher parecida com Dinah. Na primeira pagina e sob o titulo gritante de "Suicidio". Comprou um exemplar. Era ella mesma. A photographia não enganava e o nome lá estava na noticia espalhafatosa para confirmal-o.

Dinah, pela madrugada, no quarto, déra um tiro certeiro no proprio coração. Morte fulminante. Numa carta deixada para a policia declarava, num desabafo de escrava que se liberta, matar-se por não querer ser mais explorada pelo marido. E o jornal, na bisbilhotice da imprensa moderna, informava ser Berucio um jogador profissional, intitulando-se industrial, e valendo-se da boniteza da esposa no conseguir dinheiro para seu vicio.

Num violento abalo de piedade e de revolta, Edmundo tomou um taxi e procurou o silencio do seu aposento de pensão para meditar naquelle terrivel drama conjugal.

Mas, na pensão, havia tambem uma carta para elle trazida á tarde pelo correio e postada na vespera:

"Edmundo.

Daqui a algumas horas saberá de todo quem sou. Ou melhor quem fui. E comprehenderá então o motivo da minha recusa á sua generosa proposta, embora o amasse, embora soubesse que ia ser feliz. Ser feliz, eu!

Não tive coragem de confessar-lhe por inteiro minha miseria. Nem quiz, escondendo-a, acceitar seu affecto, amparar-me nos seus braços. Si o tivesse feito e você viesse a saber da minha degradação, de boccas extranhas, seria capaz de se julgar igual aos outros, a esses a quem pertenci de corpo, por méro interesse, dobrada pela minha fraqueza moral deante da ignobil exigencia de meu marido.

Agora, porém, porque lhe quero bem, Edmundo, não sendo sua, de ninguem mais hei de ser.

Dinah".

11
1
10
2
9
3
KOHOUT (ADAPT.)